MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

MEMORY AND IDENTITY IN *PONCIÁ VICÊNCIO*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Aurélia Lucena Martins [1]
Andrea C. Muraro[2]

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar como a memória molda as interações sociais em comunidade, na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, tendo como problema central analisar as conexões entre memória, ancestralidade e resistência. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Hall (2006), Fanon (2008), Nora (1993) e Sodré (2002), estabelecendo hipóteses de leitura no diálogo entre identidade e memória. As análises evidenciam que as trajetórias das personagens Ponciá, Vô Vicêncio, Luandi e Nêngua Kainda são marcadas por fragmentações decorrentes das violências sociais, raciais e econômicas herdadas da escravidão. Também, observa-se que a memória atua como elemento estruturante da narrativa, permitindo compreender a permanência de formas de opressão no presente. Conclui-se que a narrativa de Evaristo reafirma a literatura afro-brasileira como instrumento de denúncia e resistência, ao dar visibilidade às experiências historicamente silenciadas.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; *Ponciá Vicêncio*; identidade; memória; literatura afro-brasileira

ABSTRACT

This study has an objective to investigate how memory shapes social interactions in community in the work *Ponciá Vicêncio,* by Conceição Evaristo, analyzing as a central problem the connections between memory, ancestry, and resistance. The research is based on the studies of Hall (2006), Fanon (2008), Nora (1993), and Sodré (2002), establishing a dialogue between identity and memory. The analyses highlight that the trajectories of the characters Ponciá, Vô Vicêncio, Luandi, and Nêngua Kainda are marked by fragmentations resulting from social, racial, and economic violence inherited from slavery. It is observed that memory acts as a structuring element of the narrative, allowing for an understanding of the persistence of forms of oppression in the present. It is concluded that Evaristo's narrative reaffirms Afro-Brazilian literature as a tool for denunciation and resistance, by giving visibility to historically silenced experiences.

Keywords: Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio; identity; memory; Afro-Brazilian literature

[1] Licencianda em Letras – Língua Portuguesa/ ILL/IEAD/ Unilab/ Polo Mauriti. E-mail:mariaaurelia170905@gmail.com

[2] Orientadora. Professora Adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: muraro@unilab.edu.br

1 Introdução

O artigo discute a literatura como um espaço de memória, resistência e reconhecimento, a partir da obra *Ponciá Vicêncio*, publicada em 2003, de Conceição Evaristo[3], que se apresenta como um testemunho literário das dores, lutas e superações da mulher negra brasileira e também do núcleo familiar ao seu redor. Nesse sentido, a leitura da narrativa possibilita compreender como a identidade negra é construída e reelaborada por meio da memória.

Dessa maneira, torna-se necessária a reflexão acerca de como a escrita pode constituir-se como instrumento de libertação simbólica e de preservação da memória, especialmente quando emerge de um lugar historicamente silenciado. Assim, a escolha do tema memória e identidade em *Ponciá Vicêncio* justifica-se pela relevância da obra no âmbito dos estudos literários afro-brasileiros.

A análise da narrativa de Conceição Evaristo busca compreender como a memória atua como elemento fundamental na formação das identidades, historicamente invisibilizadas. Tal enfoque permite interpretar as experiências das personagens como expressão das lutas e dos desafios enfrentados na sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, a identidade pode ser entendida como um processo dinâmico, historicamente construído e constantemente transformado pelas relações sociais e pelas formas de representação cultural, não se configurando como algo fixo ou estável (Hall, 2006).

Essa abordagem evidencia a importância do resgate das narrativas silenciadas para a valorização da identidade negra, possibilitando a análise das relações entre memória, identidade e resistência no interior da obra. Além disso, a narrativa suscita reflexões sobre as dimensões da memória, que ultrapassa a da recordação e se configura como prática de resistência.

Assim, o conceito de *escrevivência*, como o que "não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida" (Evaristo, 2020, p.36), reforça que a escrita se ancora nas experiências vividas e na memória coletiva, constituindo-se como um gesto de afirmação identitária e de reinscrição histórica de sujeitos marginalizados. A construção da identidade negra na obra de Conceição Evaristo é profundamente elaborada pela memória coletiva e individual, atuando como um mecanismo de resistência cultural. Por meio da

[3] Conceição Evaristo (1946, Belo Horizonte) é escritora brasileira, graduada em Letras, mestre em Literatura Brasileira (PUC-Rio) e doutora em Literatura Comparada (UFF). Autora de obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006) e *Olhos d'Água* (2014), livro vencedor do Prêmio Jabuti.

narrativa, a autora reelabora as experiências das mulheres negras e do núcleo familiar ao seu redor, reafirmando a importância da memória na luta por reconhecimento e valorização identitária. Sobre isso, Stuart Hall (2006) discute que a identidade é produzida historicamente a partir das experiências vividas e das memórias que os sujeitos constroem de si, especialmente em contextos marcados por relações de poder e exclusão.

O próprio conceito de *escrevivência*, formulado por Conceição Evaristo, constitui-se como uma categoria essencial para compreender a formação da identidade negra e a presença da memória na narrativa de *Ponciá Vicêncio*. De acordo com as reflexões diversas, propostas na obra *Escrevivência: A escrita de nós* (Duarte; Nunes, 2020), a escrevivência ultrapassa o limite da autobiografia: trata-se de uma escrita nascida das experiências vividas, que reelabora a realidade social e afetiva de sujeitos historicamente silenciados, o que em Conceição Evaristo revela a escrita como um ato não só de resistência, mas também de insubmissão, pois transforma a dor em palavra e a memória em força criadora.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, a perspectiva da identidade como um processo dinâmico e multifacetado é explorada de maneira profunda. A trajetória da protagonista, marcada por lembranças, perdas e reencontros, revela o entrelaçamento entre a memória individual e a memória coletiva, conforme discutido por Hall (2006). Ele enfatiza a construção da identidade a partir de narrativas culturais, destacando como as experiências pessoais e coletivas se entrelaçam para formar o sentido de pertencimento.

Nesse contexto, a obra é profundamente vinculada à vivência e à memória, na qual o cotidiano das personagens é transformado em matéria literária sem dissociação das condições sociais que o atravessam. Desse modo, a escrita assume um duplo papel, estético e político, configurando-se como forma de resistência à invisibilidade e de afirmação identitária por meio da palavra. Assim, a memória, na narrativa, atua como elemento central na construção da identidade negra e no reconhecimento da ancestralidade.

Em *Ponciá Vicêncio*, essa dimensão coletiva organiza-se, sobretudo, por meio da memória, mobilizada por recursos como os flashbacks, que estruturam a narrativa e sustentam a construção das experiências das personagens. Mais do que um recurso da forma, funciona como elemento que orienta o desenvolvimento da história, articulando passado e presente e conectando vivências individuais a uma dimensão coletiva. O "nós", portanto, configura-se como expressão de uma comunidade agregada em uma memória coletiva.

2 Memória e resistência

A resistência na narrativa não se limita à trajetória da protagonista, mas também a outros personagens como Vô Vicêncio, Luandi e Nêngua Kainda como veremos nas análises a seguir, uma vez que estas trajetórias se ampliam em direção ao coletivo, evidenciando a força de uma comunidade que, ao lembrar, recusa o apagamento histórico. Nesse movimento, memória e resistência se entrelaçam como forças que sustentam as identidades. Nessa perspectiva, a escrita de Conceição Evaristo pode ser compreendida a partir da *escrevivência,* conceito por meio do qual a autora produz uma literatura comprometida com as experiências da população negra, transformando sua obra em espaço de afirmação e resistência (Evaristo, 2020).

2.1 Infância e formação de Ponciá

Na obra, a infância da personagem Ponciá Vicêncio configura um tempo de liberdade, espontaneidade e profunda conexão com a natureza, funcionando como um espaço simbólico de plenitude e de construção inicial da identidade da personagem. Antes de ser atingida pelas violências sociais, raciais e econômicas. Ponciá vive uma infância marcada pelo prazer de "ser ela própria"(Evaristo, 2023, p.13), o que evidencia um momento de integridade subjetiva. Essa vivência inicial antecede o processo de fragmentação identitária que atravessará sua trajetória, tornando a infância um marco fundamental para compreender os deslocamentos e rupturas que a personagem experimenta ao longo da narrativa.

> Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina.Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom (Evaristo, 2023, p. 13).

Note-se que a repetição insistente da forma verbal "gostava" produz um ritmo marcado pela afetividade e pela plenitude, reforçando a ideia de satisfação e pertencimento da personagem ao espaço vivido. Essa repetição não apenas intensifica a dimensão emocional da memória, mas também constrói, no plano estilístico, a sensação de continuidade e harmonia que caracteriza a infância. Além disso, a descrição da paisagem natural, a roça, o rio, o milharal e o movimento do vento, confere ao texto forte valor imagético e simbólico,

associando a identidade inicial de Ponciá ao espaço rural e às experiências vividas nesse ambiente.

As imagens das “bonecas de milho” que dançam ao vento possuem ainda importante dimensão metafórica, pois sugerem leveza, movimento e liberdade, elementos que contrastam com a rigidez e a dor que marcaram a vida adulta da personagem. Desse modo, a natureza deixa de ser mero cenário e passa a atuar como extensão da subjetividade de Ponciá, refletindo seu estado interior de alegria e inteireza.

Esse momento da infância representa, assim, uma memória afetiva que, posteriormente, será contraposta ao sofrimento e às perdas vivenciadas pela protagonista. A infância aparece como um espaço de acolhimento e plenitude, anterior às rupturas provocadas pelas experiências de exclusão social. A memória, portanto, constitui-se como eixo estruturante da identidade, ao recuperar vivências que contribuem para a compreensão das transformações da personagem ao longo da narrativa. Nesse sentido, a recorrência da forma verbal “gostava” evidencia um momento de identificação positiva da personagem com sua própria existência, antes das experiências que irão tensionar sua relação consigo mesma e com o mundo.

2.2 Memória e desilusão

A evocação da felicidade infantil configura-se, por si só, como um gesto de resistência ao apagamento histórico:

> Lembrou-se também de que, quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que, grande, teria um homem e filhos. Lá estava ela agora com seu homem e sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela. Ele era assim mesmo. Durante todos aqueles anos, calado, do trabalho para casa, sempre na repetição do mesmo gesto. Quando estava sem trabalho algum, ficava preso dentro de casa ou de algum boteco pelas redondezas. Bebia, mas não muito. Tinha a natureza fraca, não era preciso muito para que ficasse tonto. Ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca. Mas de manhã, quando acordava e guardava a marmita, enquanto bebia o gole ralo de café (mesmo se a latinha estivesse quase cheia de pó, a bebida era sempre rala), ele era calmo, quase doce. Ele sentia saudade da outra Ponciá Vicência, aquela que ele conhecerá um dia. (Evaristo, 2023, p. 47)
> .

A passagem opera como um retorno à infância, não mais como abrigo, mas como espelho que evidencia o abismo entre o que a personagem foi e o que se tornou. O contraste

construído entre o verbo “sonhava”, associado à infância, e a constatação amarga do presente “sem filhos” e “sem ter encontrado um modo de ser feliz” , intensifica a dimensão trágica da narrativa. A estrutura sintática do trecho evidencia a frustração da expectativa, uma vez que a personagem alcança apenas parcialmente aquilo que idealizava. A presença do companheiro não se converte em plenitude afetiva; ao contrário, evidencia uma relação marcada pela violência e pela instabilidade, reforçando a sensação de incompletude existencial. A repetição do advérbio “sem” produz um efeito de vazio e privação, inscrevendo, no próprio tecido verbal, a ausência que constitui a experiência de Ponciá.

A memória desempenha, assim, um papel estruturante na obra, permitindo que a personagem compreenda o deslocamento que marca sua trajetória e o vazio identitário que dela decorre. Ponciá projeta-se, ainda na infância, em um modelo tradicional de felicidade, marido e filhos, socialmente associado à realização feminina. No entanto, sua condição de mulher negra, pobre e marginalizada, submetida ao racismo estrutural e às relações patriarcais, dificulta a concretização desses ideais, evidenciando a distância entre os padrões socialmente instituídos e as possibilidades reais de sua existência.

O trecho evidencia que a subjetividade feminina negra é atravessada pela negação de projetos afetivos, incluindo o direito de ser mãe, frequentemente negado às mulheres negras tanto no passado escravista quanto no presente. Como afirma Hall, “a identidade [...] é formada e transformada continuamente” (2006, p. 13), evidenciando que ela não é fixa, mas constitui-se como um processo dinâmico, atravessado pelas experiências e memórias da personagem. Além disso, a forma como a lembrança emerge na narrativa revela uma memória marcada pela percepção da perda. A postura de observar esse passado “à distância” sugere uma relação ambígua com a própria história: ao mesmo tempo em que Ponciá é atraída pela memória, também se mantém afastada, talvez por ainda não conseguir elaborar plenamente aquilo que lhe falta. Essa distância, no plano literário, produz um efeito de suspensão subjetiva, revelando uma identidade fragmentada, marcada por lacunas, silêncios e ausências.

Assim, a saudade e a solidão na personagem Ponciá não é apenas afetiva, mas existencial, trata-se da ausência de pertencimento e de continuidade histórica. A memória, nesse sentido, emerge como força que inquieta a personagem e anuncia a necessidade de reconstrução, a partir do reconhecimento de suas raízes e de sua história.

2.3 Ancestralidade e laços de pertencimento

O reencontro de Ponciá Vicêncio com Nêngua Kainda marca um momento de inflexão na trajetória da personagem, pois confronta o desenraizamento provocado pela cidade com a força da ancestralidade e do pertencimento coletivo:

> E, depois de longa ausência pela cidade, durante o tempo do seu regresso Ponciá encontrou com Nêngua Kainda. A mulher que era alta e magra percebeu-lhe mais alta e magra ainda. Continuava ereta, apesar da idade, como uma palmeira seca. A pele do rosto das mãos, do pescoço e dos pés descalços eram enrugados como a de um maracujá maduro, tinha o olhar vivo, enxergador de tudo. A velha passou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe, que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. Que fizesse o que o coração pedisse. Ir ou ficar? Só ela mesmo é quem sabia, mas para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. (Evaristo, 2023, p. 52)

Nêngua Kainda, guardiã das memórias da comunidade, é descrita como "palmeira seca", ressecada pelo tempo, mas ainda ereta, e com pele "enrugada como maracujá maduro": símbolos de resistência e sabedoria acumulada. Ao dizer que Ponciá "não estava sozinha" e que "da herança de Vô Vicêncio ela não fugiria", a velha reafirma que o legado ancestral não é material, mas memória inscrita no corpo e transmitida pela oralidade. Essa ideia dialoga com Muniz Sodré (2002), para quem a ancestralidade é o princípio organizador das culturas afro-brasileiras: o corpo é território e arquivo vivo. Nêngua reterritorializa Ponciá ao lembrá-la que, mesmo sem família, ela carrega a herança coletiva. A escolha "Ir ou ficar?" vira existencial: não é sobre geografia, mas sobre se reatar com a própria origem para resistir às rupturas do racismo e do deslocamento.

2.4 Fragmentação da consciência e o mito da igualdade racial

A reflexão de Luandi, irmão da protagonista, revela uma percepção ainda ingênua sobre as permanências históricas da desigualdade racial no Brasil. Inserido no mesmo contexto de exclusão social que marca a trajetória de sua família, o personagem projeta na cidade a possibilidade de ascensão e igualdade. Ao acreditar que o sofrimento estava restrito ao passado escravista e ao espaço da roça, Luandi expressa uma compreensão fragmentada da realidade social, marcada pela ilusão de que o ambiente urbano representaria um espaço de superação das hierarquias raciais, como se observa na passagem:“Luandi pensou na figura de Vó Vicêncio, mas aliviado estava, pois acreditava que o tempo da escravidão já tinha passado. Existia sofrimento só na roça. Na cidade todos eram iguais. Havia até negros soldados!” (Evaristo, 2023, p. 63).

Essa perspectiva evidencia não apenas a ingenuidade do personagem, mas também a internalização de um discurso que dissocia o racismo de suas formas contemporâneas, restringindo-o ao passado. Desse modo, a narrativa problematiza a falsa ideia de igualdade racial, revelando como as estruturas de desigualdade persistem, ainda que sob novas configurações, afetando diretamente as possibilidades de existência e reconhecimento dos sujeitos negros.

O trecho evidencia, antes de tudo, a construção de uma consciência ainda limitada por uma visão idealizada do espaço urbano. A frase "na cidade todos eram iguais" explicita a crença de Luandi em uma suposta mobilidade social e racial, revelando o quanto o personagem ainda não percebe que as estruturas de exclusão permanecem atuantes para além do campo. A menção a "negros soldados" é particularmente significativa, pois funciona, no olhar do personagem, como prova aparente de inclusão social. Contudo, Conceição Evaristo mobiliza essa passagem de forma crítica, expondo a contradição entre aparência de igualdade e permanência das desigualdades.

Nessa direção, a narrativa dialoga com Frantz Fanon ao evidenciar que o racismo não se encerra com o fim formal da escravidão, mas se reorganiza nas estruturas sociais e na subjetividade dos sujeitos negros. O autor demonstra que, no contexto colonial, a humanidade do sujeito negro é sistematicamente negada pelas estruturas de poder, de modo que ele é reduzido a uma condição de inferioridade, sendo "não um homem" (2008, p. 26). A crença de Luandi de que a cidade seria um espaço de igualdade revela justamente a interiorização de um discurso social que mascara a persistência do racismo.

Assim, percebe-se que Evaristo constrói, por meio do olhar de Luandi, uma crítica ao mito da igualdade racial. O alívio sentido pelo personagem ao pensar que "o tempo da escravidão já tinha passado" revela uma falsa consciência histórica, na qual a escravidão é compreendida apenas como evento do passado, e não como estrutura cujos efeitos permanecem no presente. Por isso, a narrativa desmonta essa ilusão ao sugerir que a exclusão racial também se manifesta na cidade, ainda que sob novas formas.

Dessa maneira, o romance evidencia que o sofrimento negro não se restringe ao espaço rural nem ao período escravista, mas atravessa diferentes tempos e espaços. Ao problematizar a visão idealizada de Luandi, Conceição Evaristo reafirma a importância da memória histórica como instrumento de consciência crítica e resistência, fundamental para compreender as permanências do racismo na sociedade brasileira contemporânea.

2.5 Heranças da escravidão na memória coletiva

No percurso de retorno à sua história e às origens familiares, Ponciá é atravessada por lembranças que recuperam a experiência coletiva de sua linhagem. Nesse momento da narrativa, a personagem rememora a condição histórica de sua família, marcada pela exploração do trabalho negro e pela permanência das desigualdades herdadas do período escravista. A memória evocada por Ponciá ultrapassa a esfera individual e inscreve-se em uma dimensão coletiva, revelando a história de gerações submetidas à expropriação e à negação de direitos: "Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida" (Evaristo, 2023, p. 70).

O trecho evidencia a memória ancestral da família negra, marcada por trabalho forçado, exploração e violência histórica. Para Ponciá, essa memória não se apresenta como um passado encerrado, mas como herança viva que molda sua identidade e sua trajetória no presente. A lembrança dos "pais, avós e bisavós" reforça a dimensão transgeracional do sofrimento, ao mesmo tempo em que explicita a continuidade de estruturas sociais fundadas na desigualdade racial.

À luz das reflexões de Pierre Nora, a memória pode ser compreendida como um fenômeno dinâmico, constantemente reconstruído a partir das experiências individuais e coletivas, sendo "vida, sempre carregada por grupos vivos" (1989, p. 9). Nesse sentido, o romance evidencia como a identidade negra se constitui em um contexto histórico de brutal desigualdade, no qual a herança transmitida aos descendentes não é apenas cultural, mas também marcada pela dor, pela exclusão e pela resistência.

A expressão "donos da miséria" funciona como uma denúncia contundente das estruturas raciais que historicamente organizaram e ainda organizam a sociedade brasileira, revelando a inversão perversa de valores que condena a população negra à marginalização. Em contraposição à posse das terras, do gado e da produção, atribuída aos brancos, o texto evidencia que aos negros restou a posse simbólica da fome e do sofrimento, o que intensifica a crítica social presente na narrativa.

Já a expressão "revolta suicida" carrega forte carga simbólica e aponta para formas extremas de resistência daqueles que, diante da opressão contínua, não vislumbravam outra saída senão o enfrentamento do sistema opressor, mesmo ao custo da própria vida. Conceição Evaristo, ao mobilizar essa memória, evidencia que a violência histórica da escravidão permanece inscrita na subjetividade da personagem e na memória coletiva de seu povo.

Em um momento de profunda introspecção, Ponciá revisita, por meio da memória, a história de Vô Vicêncio e, ao fazê-lo, confronta não apenas o sofrimento vivido por seu

ancestral, mas também a permanência desse legado em sua própria existência. A lembrança do gesto extremo do avô - de matar a mulher e quase se matar - emerge como símbolo da violência histórica imposta à população negra, revelando que a escravidão, embora abolida juridicamente, permanece inscrita nas estruturas sociais e na subjetividade dos descendentes. Nesse sentido, a revolta assume um caráter político, configurando-se como reivindicação de humanidade e recusa radical à submissão.

2.6 Da herança escravista às marcas no presente

A trajetória de Vô Vicêncio, mediada pela reflexão de Ponciá, evidencia que a escravidão não se restringe ao passado histórico, mas se projeta como uma experiência que continua a afetar o presente. A narrativa revela que, mesmo após a abolição formal, suas consequências permanecem atuantes tanto nas estruturas sociais quanto na dimensão subjetiva dos sujeitos, limitando possibilidades de transformação e perpetuando marcas de sofrimento ao longo das gerações.

> De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, no ato de coragem-covardia, se rebelara, matara um dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (Evaristo, 2023, p. 71–72).

No fragmento, a expressão “coragem-covardia” sintetiza a complexidade dos gestos de resistência em contextos de opressão extrema. Ao fundir termos aparentemente opostos, Conceição Evaristo evidencia que as ações do sujeito negro, nessas condições, não podem ser interpretadas de forma simplista. O gesto de Vô Vicêncio emerge como resultado de uma realidade marcada pela violência estrutural, na qual as possibilidades de escolha são drasticamente reduzidas. Assim, sua atitude não se configura como libertação, mas como efeito de um sistema que empurra o indivíduo a limites extremos de existência.

Essa leitura aproxima-se das reflexões de Frantz Fanon (2008), quando indica que a colonização produz impactos profundos na subjetividade do sujeito negro, afetando não apenas sua condição material, mas também sua capacidade de projetar futuro, desejo e ação.

Ao afirmar “Sim, ela era escrava também”, Ponciá desloca o sentido da escravidão para o plano simbólico, reconhecendo-se aprisionada por sentimentos de desesperança e imobilidade. Nesse ponto, a personagem explicita como as marcas históricas continuam

operando na constituição identitária, em consonância com a perspectiva de Hall (2006), segundo a qual o sujeito se forma na articulação entre memória, história e representação.

A impossibilidade de "organizar novos quilombos" intensifica essa leitura ao indicar o enfraquecimento da dimensão coletiva da resistência. A referência aos quilombos, espaços historicamente associados à luta por autonomia, adquire, assim, um valor simbólico central: sua negação evidencia não apenas a persistência das estruturas de dominação, mas também o esgotamento subjetivo da personagem diante dessas forças.

Dessa forma, a narrativa constrói a memória da escravidão não como um registro distante, mas como uma presença ativa que orienta percepções, sentimentos e modos de existir. O romance demonstra, portanto, que a herança escravista ultrapassa o marco da abolição e se atualiza nas formas contemporâneas de exclusão, silenciamento e sofrimento, reafirmando a continuidade histórica das desigualdades.

2.7. Vivência e construção da subjetividade

Em uma passagem de *Ponciá Vicêncio* que é significativa pela síntese, pelo modo como a protagonista experimenta o tempo, a memória e a própria constituição de si, Ponciá não vive apenas o presente; sua existência é continuamente atravessada pelas lembranças, que oscilam entre dor e acolhimento:

> Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações, que de seus lábios surgiam sorrisos e risos. (Evaristo, 2023, p. 79).

Para a personagem, recordar não se configura apenas como um exercício mental, mas como uma forma de existência. A memória assume, no plano literário, uma dimensão central: é por meio dela que Ponciá revisita afetos, dores e experiências que atravessam sua trajetória. As oscilações entre lágrimas e sorrisos revelam a complexidade das lembranças, construindo uma subjetividade marcada simultaneamente pela ferida histórica e pelo vínculo afetivo com suas origens.

Nessa perspectiva, a narrativa sugere que a memória opera como espaço de elaboração identitária. As recordações da personagem não apenas retomam o passado, mas organizam sua percepção do presente, permitindo que ela compreenda sua própria história. Ao mesmo tempo, a presença de lembranças dolorosas evidencia que a memória também conserva as marcas do sofrimento histórico e das experiências de exclusão, das fraturas subjetivas

produzidas pela violência racial (Fanon, 2008). Desse modo, Conceição Evaristo constrói, por meio da interioridade de Ponciá, um espaço narrativo em que memória, sofrimento e resistência permanecem em tensão, na constituição identitária da personagem.

2.8 Memória e consciência histórica

A transformação da consciência de Luandi manifesta-se no momento em que a personagem compreende que sua vida só ganharia sentido ao se tornar "matéria argamassa de outras vidas", revelando o abandono de uma perspectiva individualizante em favor da coletividade.

> Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e a melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas.Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficaria para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes- agora- depois -e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (Evaristo, 2023, p. 109-10).

Nesse momento, observa-se uma inflexão significativa no percurso da personagem. Se, anteriormente, o desejo de tornar-se soldado estava associado à conquista de autoridade e ascensão individual, agora Luandi passa a reconhecer os limites dessa lógica. A imagem do "grão de areia" simboliza sua percepção de pequenez e isolamento diante das estruturas sociais, enquanto a metáfora utilizada por Evaristo sugere coletividade e união. Ao representar a necessidade de ligação entre diferentes partes para formar uma estrutura sólida, essa imagem evidencia simbolicamente a importância do vínculo comunitário para a constituição da identidade e da resistência.

A transformação da personagem também se manifesta na maneira como ela compreende a leitura e a escrita. Quando afirma que "não bastava saber ler e assinar o nome", Luandi ultrapassa a ideia de alfabetização como simples domínio técnico da escrita. A leitura passa a ser entendida como instrumento de consciência crítica e de reconhecimento histórico. Ao afirmar que era preciso "autorizar o texto da própria vida", a narrativa evidencia a

necessidade de os sujeitos negros assumirem o direito de narrar a própria existência, rompendo com silenciamentos historicamente impostos. Nesse sentido, a escrita adquire um caráter político e identitário, aproximando-se da noção de escrevivência desenvolvida por Conceição Evaristo, em que a experiência vivida transforma-se em forma de resistência e preservação da memória coletiva.

Nessa passagem, a linguagem empregada por Evaristo é profundamente simbólica e temporal. A expressão "antes-agora-depois-e-do-depois-ainda" rompe com uma percepção linear do tempo e evidencia a coexistência entre passado, presente e futuro. Essa concepção dialoga com a ancestralidade afro-brasileira, na qual os sujeitos carregam em si as marcas daqueles que vieram antes e a responsabilidade pela continuidade dos que virão depois. Assim, a memória deixa de ser apenas lembrança individual para assumir uma dimensão coletiva e ancestral.

Luandi compreende que sua existência não pode ser pensada de forma isolada, mas vinculada à trajetória coletiva de seu povo. Da mesma forma, a reflexão da personagem aproxima-se das considerações de Frantz Fanon (2008) sobre a necessidade de reconstrução da consciência negra diante das estruturas de opressão herdadas do colonialismo. O amadurecimento de Luandi representa, portanto, não apenas uma mudança individual, mas o despertar de uma consciência histórica e coletiva.

Além disso, os "vestígios do tempo" mencionados na narrativa aproximam-se da concepção de memória desenvolvida por Nora (1993), segundo a qual o passado permanece inscrito em marcas, rastros e experiências compartilhadas. Em *Ponciá Vicêncio*, essas marcas manifestam-se nas lembranças familiares, nos ensinamentos ancestrais e nas experiências de exclusão vividas pelas personagens.

Assim, a trajetória de Luandi evidencia um deslocamento fundamental: da ilusão de ascensão individual para a compreensão de que a transformação efetiva somente pode ocorrer por meio da coletividade. A narrativa reafirma, desse modo, a centralidade da união, da memória e da ancestralidade como formas de resistência e afirmação da identidade negra.

3. Considerações finais

Ao longo dessa leitura, procurou-se ter como objetivo, observar que a construção identitária das personagens da obra *Ponciá Vicêncio* está profundamente atravessada pela memória, não apenas como lembrança individual, mas como herança histórica, cultural e afetiva que molda percepções, subjetividades e modos de existência. Nesse sentido, a escrita

de Conceição Evaristo insere-se no que a própria autora denomina de escrevivência, em que as experiências vividas transformam-se em matéria literária e em instrumento de denúncia, resistência e preservação das vozes historicamente silenciadas.

Tendo como metodologia, a análise crítica das trajetórias da personagens Ponciá, Luandi, Vô Vicêncio e Nêngua Kainda, ficou evidenciada a hipótese inicial de que a memória atua como elemento estruturante da narrativa, permitindo compreender como as marcas da escravidão e das desigualdades sociais permanecem presentes na vida das personagens. Ao mesmo tempo, a ancestralidade manifesta-se como força de continuidade e pertencimento, estabelecendo vínculos entre passado, presente e futuro.

Além disso, a narrativa percorre diferentes estágios de consciência das personagens. Em um primeiro momento, predominam desejos de ascensão individual e de reconhecimento social, como ocorre com Luandi ao associar a figura do soldado à ideia de poder e transformação. No entanto, a narrativa conduz progressivamente a uma compreensão mais ampla da existência, baseada na valorização da coletividade, da memória ancestral e dos vínculos comunitários. O amadurecimento da personagem demonstra que a transformação efetiva não ocorre de forma isolada, mas por meio da construção conjunta e do reconhecimento de pertencimento a uma história coletiva.

Desse modo, *Ponciá Vicêncio* ultrapassa a dimensão de narrativas individuais e constrói uma representação potente da experiência negra no Brasil, articulando memória, identidade e resistência. A obra reafirma, portanto, a literatura afro-brasileira como espaço de reflexão crítica e de transformação social, ao ressignificar trajetórias marcadas pela dor e pelo apagamento histórico, convertendo-as em narrativas de luta, sobrevivência e afirmação identitária.

Referências

BORGES, Rosane. Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, pp. 26-45.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidad*e. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993, pp. 7-28.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.